

Universalidade do chamado de Jesus ao seu seguimento

Vera Ivanise Bombonato, FSP

Resumen

Cristão é quem segue Jesus e se compromete com Ele. O seguimento está ligado à pessoa de Jesus, tem uma função salvífica e uma dimensão antropológica e universal. Para aprofundar estes aspectos, abordaremos os seguintes tópicos: a dimensão antropológica do seguimento; a história da salvação como história de seguimento; a universalidade da proposta de Jesus; os dois conceitos: seguimento e imitação; a superação da teologia dos dois caminhos; seguir Jesus define o ser cristão.

Cristiano es quien sigue a Jesús y se compromete con Él. El seguimiento está ligado a la persona de Jesús, tiene una función salvífica y una dimensión antropológica y universal. Para profundizar estos aspectos, abordaremos los siguientes tópicos: la dimensión antropológica del seguimiento; la historia de la salvación como historia de seguimiento; la universalidad de la propuesta de Jesús; los dos conceptos: seguimiento e imitación; la superación de la teología de los dos caminos; seguir a Jesús define el ser cristiano.

1. A DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA DO SEGUIMENTO

Deus, no seu infinito amor, desde toda a eternidade, chama o ser humano a participar de sua vida e de sua glória. Manifesta progressivamente seu projeto de vida e liberdade para todos. Deus nos chama à vida e nossa existência é uma resposta constante a este dom maravilhoso. Somos seres peregrinos rumo à Pátria Trinitária. A dinâmica da itinerância está inscrita no íntimo do nosso ser. Chegamos a ser pessoas na relação com nossos semelhantes, com o universo e com Deus. Por isso, o seguimento de Jesus tem uma dimensão antropológica. Bonhoeffer expressou esta realidade de forma paradigmática, afirmando: “Segue-me foi a primeira (Mc 1,17) e a última palavra (Jo 21,22) dirigida por Jesus ao apóstolo Pedro”¹. O nascimento inaugura a nossa resposta existencial e a morte é o chamado à plenitude, quando veremos a Deus face a face.

Somos itinerantes em direção a nós mesmos, inquietos por conhecer o nosso potencial e entender nossas fraquezas e nossos dons. Queremos dar sentido a nossa vida e realizar nosso projeto pessoal e intransferível. Caminhamos em direção aos nossos semelhantes, estabelecemos relações com o nosso próximo que nos enriquecem e, muitas vezes também, nos machucam.

Caminhamos em direção a utopia de uma sociedade justa, fraterna e solidária, onde se respeite a dignidade da pessoa humana e reine a igualdade e a paz em plenitude. Sonhamos com uma vida fraterna sem injustiça e discriminação. Estamos voltados para o infinito, abertos ao transcendente. Diante desta realidade, Santo Agostinho exclamava: *“Inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em Deus”*.

A itinerância que trazemos inscrita, de forma indelével, em nosso ser se expressa no diálogo com Deus, concretizado na caminhada histórica do povo.

2. A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO COMO HISTÓRIA DE SEGUIMENTO

O seguimento de Jesus é uma categoria fundamental em toda a história da salvação, porque engloba todos os elementos da resposta humana à intervenção de Deus na história da pessoa, por meio de Jesus². Deus se revela em Jesus no acontecer da história. Só mediante o seguimento é possível conhecer verdadeiramente Deus, relacionar-se com ele e viver na fidelidade ao seu projeto. Não é possível o seguimento à margem da história; não é possível a fidelidade a Deus à margem do seguimento. A partir da categoria do seguimento pode-se reler a história da salvação³.

2.1. Na Primeira Aliança

Javé chama Abraão para segui-lo rumo a um país distante e desconhecido (cf. Gn 12,1), escolhe Israel para ser seu povo (cf. Nm 23,9) e seguir os seus caminhos

(cf. Dt 13,5); os patriarcas e profetas têm a missão de conduzir o povo pelos caminhos da Javé.

De modo geral, a expressão “seguir Javé” (cf. Dt 1,36; 1Rs 14,8; 1Rs 18,21; 2 Rs 23,3; Jr 2,2) significa inclinação, dependência, obediência, reconhecimento da soberania, aceitação de seus mandamentos ou preceitos. Entretanto, no desenrolar da história de Israel, essa expressão adquire matizes variados e se torna mais concreta quando se trata do seguimento não dos deuses ou de Javé e sim do enviado de Javé, do profeta, de onde nasce a relação mestre-discípulo⁴.

João Batista, o precursor, começa sua pregação exortando o povo a preparar os caminhos do Senhor e a endireitar as veredas, como está escrito no livro dos oráculos do profeta Isaías (cf. Lc 3,4). O Antigo Testamento constitui, assim, o ambiente natural e a pré-história da noção evangélica do seguimento⁵.

2.2. A Nova e Eterna Aliança

O Novo Testamento é a plena realização, na pessoa de Jesus, dos desígnios divinos, preanunciados no Antigo Testamento. Jesus é a personalização do chamado de Deus que se fez carne e armou sua tenda entre nós (cf. Jo 1,14). Com todo o seu ser, ele revela o Pai e é o seu apelo escatológico que propõe à liberdade humana uma mudança radical. Jesus, como enviado de Deus e Filho unigênito, está associado ao Pai no chamado; como homem, é aquele que responde no mundo e pelo mundo diante do Pai.

Jesus, o Verbo eterno, inaugura sua atividade missionária convidando algumas pessoas do meio do seu povo para segui-lo e partilhar com ele a vida, a missão e o destino. Ele chama com autoridade e sem dar nenhuma explicação (cf. Mc 1, 16-20; Mt 4, 18; Lc 5, 1-11). De um lado, ele se insere na cultura do seu tempo e toma como modelo exterior as relações mestre-discípulo no sistema rabínico; de outro, traz uma novidade inconfundível. Esta novidade diz respeito à sua pessoa que se torna o centro do seguimento e à função salvífica do seguimento.

O evento salvífico do chamado de Jesus e a resposta humana tem uma estrutura “sacramental”: possui uma eficácia salvífica e uma força mistagógica particular. Os elementos que estabelecem a unidade e a continuidade entre seguimento histórico de Jesus e o seguimento como expressão da existência cristã são: de um lado, as palavras de Jesus, o Messias, chamando para segui-lo e, de outro, a fé em sua pessoa com o enviado do Pai, anunciado pelos profetas e esperado pelas nações.

Com o chamado de Jesus e a resposta dos discípulos tem início um processo em que Jesus instrui os seus discípulos e vai revelando sua identidade e o seu projeto. Esse processo passa por várias etapas. Os discípulos *seguem* o Mestre de Nazaré, atraídos pela força de sua pessoa; *percorrem* com ele as estradas da Palestina anunciando o Reino, participando de sua vida e acolhendo seus ensinamentos; *testemunham* sua morte trágica nas mãos dos dirigentes do povo, *descobrem* na ressurreição que ele era verdadeiramente o messias. A luz da

ressurreição *releem* a vida, a missão e a morte na cruz de Jesus e tudo adquire um sentido novo.

3. UNIVERSALDADE DA PROPOSTA DE JESUS

De acordo com os Evangelhos sinóticos, em relação aos destinatários, o chamado de Jesus para viver em comunhão com ele evolui progressivamente, passando por três momentos distintos, que pode-se chamar de processo de universalização do seguimento. Jesus dirige seu convite: *a algumas pessoas escolhidas, à multidão e a todos indistintamente*.

- ❖ Depois do batismo, ao iniciar sua vida pública, *Jesus dirige o seu convite a algumas pessoas escolhidas*, que vivem em realidades diferentes e exercem as mais variadas atividades. Simão Pedro e seu irmão André eram pescadores de Betsaida (cf. Jo 1,44); Mateus era cobrador de impostos em Cafarnaum (cf. Mt 9,9). “*Caminhando à beira do mar da Galiléia, Jesus viu Simão e seu irmão André, lançando as redes ao mar, pois eram pescadores. Então disse-lhes: ‘Segui-me, e eu vós farei pescadores de homens’*” (Mc 1,16). Os evangelhos sinóticos se referem ao convite de Jesus dirigido a doze homens para viverem em comunhão mais íntima com ele. O número doze tem um significado simbólico: manifesta a indissolúvel conexão entre a vida de Jesus e o povo formando pelas doze tribus⁶.
- ❖ Como missionário itinerante, percebendo a presença não só de um pequeno grupo de escolhidos, mas de muitos que o acompanhava, *Jesus*

estende o seu convite às multidões: “Chamando a multidão, juntamente com os seus discípulos, disse-lhes: ‘Se alguém que vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me’” (Mc 8,34). O chamado de Jesus não se limitou aos “doze”, isto é, aos membros fiéis do povo de Israel. Jesus chamou também os pecadores, os publicanos, as pessoas excluídas e marginalizadas.

- ❖ Durante sua vida pública, *Jesus dirige o seu convite a todos indistintamente e universaliza o seu chamado. “Dizia ele a todos: ‘Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me’” (Lc. 9,23). Ninguém ficou excluído da possibilidade de seguir Jesus. Ele chamou jovens (Mc 10,20), pobres e pecadores (Mt 4,18-22), doentes e “possuídos pelo demônio” (Mt 8,16; Mc 5,2-20) e também mulheres (Mt 9,20; Lc 7,36-50; Lc 15, 1-31; Jo 8, 1-11).*

Neste processo de universalização, percebe-se um crescendo que inicia com a comunidade dos doze e chega a abrangência total: todos são chamados ao seguimento. A partir do grupo dos doze, Jesus universaliza seu chamado. O chamado de Jesus ao seu seguimento é universal, mas cada um responde, livremente, segundo a graça que lhe é dada e os dons recebidos. Temos assim, na família de Deus, as diferentes vocações.

O *Documento de Aparecida*, reproduzindo as palavras do Papa Bento XVI em seu discurso inaugural, lembra que “*em virtude do batismo, todos são chamados a ser discípulos missionários de Jesus Cristo*” (No. 160). O discípulo é chamado a

viver em comunhão em sua Igreja. Nela, cada batizado desenvolve seus dons na unidade e na complementaridade, formando o único Corpo de Cristo.

4. OS DOIS CONCEITOS: SEGUIMENTO E IMITAÇÃO

No Novo Testamento, a categoria do seguimento de Jesus é própria dos Evangelhos e tem como horizonte a cultura judaico-palestinense. Nesses escritos, o seguimento não possui um significado unívoco, passando por transformações. Antes da Páscoa, está ligado à figura do Mestre de Nazaré e se apresenta como um fato histórico irrepetível. É o *seguimento pré-pascal* que implica em participar da vida terrena de Jesus e de sua obra messiânica, colocando-se a serviço do Reino. Depois da Páscoa, sem perder o seu significado original, o seguimento adquire um sentido teológico e passa a identificar o ser cristão. É o *seguimento pós-pascal* que implica na resposta ao apelo do ressuscitado para prosseguir sua causa.

Nas Cartas Paulinas, a categoria da imitação está ligada à cultura grego-helenística. Para Paulo, a imitação não diz respeito à reprodução de gestos materiais; é a conformação às grandes atitudes espirituais de Cristo.

Na primeira carta de Pedro 2,18-25, encontra-se uma tentativa de síntese entre seguir e imitar. O autor convida aos cristãos, que vivem um momento particular de dificuldades e perseguições, a seguirem os passos de Cristo que também sofreu, deixando-lhes o exemplo. “*Com efeito, para isto é que fostes chamados, por que também*

Cristo sofreu por vós, deixando-vos o exemplo, a fim de que sigais seus passos” (1Pd 2,21).

Os conceitos de seguimento e imitação atravessam a história do cristianismo como modos de expressar a realidade pluriforme da relação experiencial do cristão como Jesus Cristo. Entretanto, cada momento histórico, percebendo de modo singular os desafios da realidade e sob a ação do Espírito de Jesus e do Pai, os cristãos interpretaram de forma diferente o chamado ao seguimento e o convite à imitação, privilegiando ora um ora outro, ou mesmo criando outros conceitos.

Seguimento e imitação são, na Igreja nascente, dois modos complementares para expressar a relação-comunhão de Jesus com os seus seguidores. As perseguições e o martírio matinhavam os cristãos numa permanente tensão escatológica e numa fidelidade constante à pessoa de Jesus. O martírio era expressão máxima de seguimento e de imitação de seus sofrimentos⁷.

Cessadas as perseguições, nasce uma nova forma de seguimento e de imitação: o monacato. Os monges eram herdeiros dos mártires que buscavam a solidão do deserto para ser, no coração da Igreja, o que os mártires haviam sido⁸. A característica marcante desta época é o caráter testemunhal e cristocêntrico do seguimento e da imitação, o qual era mediado pelos apóstolos, primeiros seguidores de Jesus.

Na tradição dos conceitos de seguimento e de imitação, Santo Agostinho é

considerado um marco referencial. Em sua obra *A Virgindade consagrada*⁹ faz uma exortação que é um cântico novo das virgens e conclui com a pergunta que encerra uma afirmação: “*O que é seguir senão imitar?*”¹⁰. Esta frase é citada em muitos escritos para justificar a identificação destes dois conceitos de seguimento e de imitação.

A afirmação de Santo Agostinho de que seguir é imitar encontrou, na cristologia e na piedade medievais, um terreno fértil para germinar, crescer e dar frutos. Inaugurou-se, assim, na tradição ocidental, um longo período em que desapareceu, quase por completo, o conceito de seguimento, dando lugar à preocupação com a imitação de Cristo.

Alguns fatores contribuíram para projetar luzes no conceito de imitação deixando na sombra o conceito de seguimento, entre eles podemos citar: a centralidade e a relevância da humanidade de Jesus¹¹, a teologia da imitação de Santo Tomás de Aquino¹², a espiritualidade como caminho ascético e místico da imitação, particularmente desenvolvido nas Escolas de Espiritualidade¹³, a *devotio* moderna e o famoso livro da *Imitação de Cristo*¹⁴, a moral como disciplina prático-pastoral¹⁵.

Assim, o seguimento distanciou-se da cristologia e passou a ser considerado expressão de espiritualidade e parte integrante da teologia espiritual. Apesar de ter permanecido na sombra por muito tempo, a categoria cristológica do seguimento de Jesus não foi esquecida e emerge novamente no panorama da cristologia atual.

5. A SUPERAÇÃO DA TEOLOGIA DOS DOIS CAMINHOS

Os dois primeiros séculos do cristianismo mantiveram a identificação entre fé cristã e seguimento radical de Jesus. Com a expansão do cristianismo, nos séculos III e IV, e a mundanidade crescente da Igreja, começou também a ser gerado um divórcio entre fé cristã e seguimento de Jesus. Além disso, o nascimento do monacato, no final do século III e, sobretudo seu impressionante crescimento a partir do século IV causaram profunda admiração entre os fiéis, porque constituía realmente uma novidade nas comunidades cristãs. Começou, então, a se delinear um fenômeno que terá seu ponto culminante na Idade Média e perdurará até o Concílio Vaticano II: a vida religiosa como vocação especial.

Na teologia católica e no magistério eclesial, aos poucos vai se criando uma consciência de que há uma vocação excepcional, reservada a um determinado grupo de pessoas na Igreja: os religiosos e, em particular, as ordens mendicantes surgidas nos séculos XII e XIII (os franciscanos, os dominicanos, os carmelitas, os agostinianos) cuja tarefa específica era, exatamente, imitar a vida de pobreza e de completo desprendimento que Jesus e os apóstolos tiveram.

Subjacente a esse modo de conceber a Vida Religiosa está a afirmação de que o evangelho, em sua integralidade e radicalidade, não são para todos os cristãos, mas para poucos. A existência da ordem terceira em algumas ordens mendicantes mostra, porém, que muitos leigos procuravam viver no mundo,

o máximo possível, o ideal evangélico que viam concretizado na pessoa dos religiosos. Esse modo de pensar tem seu fundamento na idéia dos dois caminhos para entrar no Reino dos céus.

A partir dos evangelhos, particularmente da interpretação de Mt 19,16-30; Mt 19,1-12, Lc 20-27-40, e também de 1Cor 7,1-40, fundamentou-se a teoria de que Cristo oferece dois caminhos para se entrar no Reino dos céus: *o caminho dos preceitos* exprime a vontade universal da salvação, resume-se na observância dos mandamentos e é uma exigência para todos os cristãos; *o caminho dos conselhos evangélicos* exprime a vontade de conduzir aqueles que o almejam a uma perfeição mais árdua e mais santificadora, e que consiste na prática não só dos mandamentos, mas também dos conselhos evangélicos.

A teologia da existência de um duplo caminho: *o dos mandamentos* para a maioria dos cristãos, chamados simplesmente a observar os mandamentos e, desta maneira, ganhar a vida eterna, e *o dos conselhos evangélicos*, para os poucos escolhidos, chamados ao seguimento radical de Jesus, teve seu ponto alto na Idade Média e foi assumida pelo Magistério da Igreja, nos fins do século XI, no pontificado de Urbano II¹⁶.

A teologia dos dois estados de vida colaborou para que se entendesse o seguimento de Jesus como sinônimo de vida consagrada a Deus numa Congregação Religiosa. Neste caso, seguir Jesus era ser padre ou irmão, irmã, e dedicar-se inteiramente ao serviço dos mais necessitados. Deste modo, o seguimento de Jesus perdeu a força de ser uma

categoria cristológica que define o ser cristão e passou a ser juntamente com a imitação, um tema dos tratados de vida espiritual e da teologia espiritual.

O Concílio Vaticano II, ao afirmar a vocação universal de todos à santidade, acolherá o que há de melhor na tradição patrística e em Santo Tomás e, se afastará da visão medieval dos dois estados ou caminhos de vida.

6. SEGUIR JESUS DEFINE O SER CRISTÃO

Atualmente, vivemos um momento de revalorização do seguimento e de resgate de sua densidade cristológica. Se esta categoria esteve ausente em renomadas cristologias como a de Pannenberg e foi apenas acenada nas cristologias de Van Balthasar e de Moltmann¹⁷, hoje está presente em cristologias como a de Bruno Forte e Schillebeeckx, entre outros.

Os teólogos latino-americanos reconhecem a importância do seguimento de Jesus. Gustavo Gutiérrez afirma: *“Seguir a Jesus define o ser cristão. Refletir sobre esta experiência é tema central de toda a teologia sábia”*¹⁸. Para Carlos Palacio: *“A vida de Jesus é ‘parábola’ cuja única chave de interpretação é o seguimento”*¹⁹. E João Batista Libanio afirma que *“o seguimento de Jesus é expressão existencial da fé em Cristo”*²⁰.

Mas, o teólogo que melhor desenvolve este tema é Jon Sobrino. A preocupação fundamental de sua cristologia é resgatar o valor do seguimento como *“fórmu-*

*la breve do cristianismo e chave para viver a totalidade da vida cristã”*²¹.

O esforço dos teólogos para resgatar esse conceito não constitui um fato isolado. Suas raízes devem ser buscadas no horizonte do processo histórico de compreensão da vida, missão e destino de Jesus de Nazaré e da preocupação que polarizou a atenção dos teólogos, particularmente no final do século XIX até o começo do século XX: a volta ao Jesus histórico.

Não consta que a questão do seguimento de Jesus estivesse explicitamente presente nos fatos, nas preocupações e nos objetivos que originaram o movimento de volta ao Jesus histórico. Entretanto, numa avaliação retrospectiva, podemos afirmar que existe, sem dúvida, uma relação entre o esforço de redescoberta da dimensão histórica de Jesus e o resgate da categoria de seguimento, que só num segundo momento foi percebida de forma sensível.

O debate sobre o Jesus histórico e o Cristo da fé não é um simples problema da ciência histórica, mas uma questão teológica significativa. A pergunta sobre o Jesus histórico não é uma questão do passado, mas pertence à essência do cristianismo, que não se define como uma doutrina, mas como o seguimento de uma pessoa.

Delinear o rosto histórico de Jesus, certificar-se da veracidade de suas palavras, da pretensão messiânica de seus gestos é uma questão significativa, pois uma vez precisada sua verdadeira identidade, dela derivam con-

seqüências vitais. Se Jesus de Nazaré é verdadeiramente o Verbo eterno, o messias anunciado pelos profetas que, na plenitude dos tempos, assumiu a natureza humana, a única alternativa é segui-lo, pois nele se encontra a salvação. Consequentemente, a volta ao Jesus histórico leva ao resgate da categoria do seguimento.

O *Documento de Aparecida* afirma: “Deus Pai sai de si para nos chamar a participar de sua vida e de sua glória” (No. 129). “Deus, que é Santo e nos ama, nos chama por meio de Jesus a sermos santos” (No. 130). Com discípulos de Jesus somos chamados a viver em comunhão com o Pai (cf. 1Jo 1,3), com seu Filho Jesus e com o Espírito Santo (cf. 1Cor 13,13). Por meio do sacerdócio comum, todos os batizados e batizadas são chamados con-vocados à comunhão em sua Igreja, a viver e a transmitir a comunhão trinitária (cf. nn.155-156).

Nosso seguimento é uma resposta consciente e livre, uma adesão à pessoa de Jesus que nos chama pelo nome; é uma resposta de amor a quem nos amou primeiro. No caminho de seguimento, assumimos a centralidade do mandamento novo: “Amem-se uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12), aprendemos a praticar as bem-aventuranças do Reino e a viver o estilo de vida próprio de Jesus: seu amor obediente e filial ao Pai, seu amor à missão e sua proximidade aos pobres e pequenos (cf. nn. 136-139).

Na grande família de Jesus, todos são seus amigos; devem permanecer unidos a ele como os ramos à videira e entrar na dinâmica do Bom Samaritano (cf. Lc

10,29-37), sendo próximo especialmente dos que sofrem (pp. 132-135).

CONCLUSÃO

O processo vivido pelos primeiros discípulos constitui o paradigma da resposta ao chamado de Deus de todos os tempos e lugares. A palavra de Jesus “segue-me” continua ressoando em todos os recantos do universo. A resposta implica num exigente processo que leva a *conhecer* o seu projeto, a *assimilar* os seus ensinamentos e a *prosseguir* a sua prática em favor da vida. O chamado é universal e a resposta é pessoal, livre e diferenciada, dada de acordo com a graça recebida e os dons de cada um.

Três momentos distintos e intrinsecamente relacionados estão presentes no seguimento de Jesus: a *memória*, que atualiza a prática de Jesus e suas atitudes em relação ao Pai e aos irmãos; a *vivência*, maneira concreta de ser fiel a Jesus na solidariedade com os pobres, reinventada constantemente em nossa vida, pela força do Espírito que age em nós; a *esperança* sempre reavivada de que podemos viver gestos concretos de ressurreição até que ela se realiza plenamente, pois Jesus venceu a morte e está vivo no meio de nós.

Notas

¹ BONHOEFFER, D. *O discipulado*. São Leopoldo, Sinodal, 1989.

² Cf. MAZZEO, M. *La sequela di Cristo nel libro dell'Apocalisse*, p. 70 e 92.

³ Cf. CASTILLO, J. M. *El seguimiento de Jesús*, p. 34.

⁴ Cf. BLANCO, S. Seguimento. In: RODRÍGUES, A. A. e CANALS CASSAS, J. (org.) *Dicionário teológico da vida consagrada*, p. 1.010.

⁵ Cf. MAZZEO, M. *La sequela di Cristo nel libro dell'Apocalisse*, p. 82.

⁶ Cf. SCHULZ, Anselmo. *Discípulos do Senhor*, pp. 41-44.

⁷ ÁLVAREZ GÓMEZ, J. *História da vida religiosa*, pp. 129-131.

⁸ CODINA, V. ZEVALLOS, N. *Vida religiosa: história e teologia*, p. 114.

⁹ A obra de Santo Agostinho, *De Sancta Virginitate*, escrita no final

do ano 401, divide-se em duas partes. A primeira parte (capítulos 1-30) aborda o tema da virgindade em si mesma, da qual Cristo e Maria são modelos perfeitos. Estabelece a superioridade da consagração a Deus pela virgindade, acima do estado matrimonial. A segunda parte (capítulos 31-56) é dedicada à consideração da humildade, tão necessária ao estado virginal. Cf. *A virgindade consagrada*, pp. 5-10.

¹⁰ *A virgindade consagrada*, p. 52.

¹¹ ÁLVAREZ NAVARRETE, P. *El seguimiento de Cristo en la teología y espiritualidad monástica*. In: BARBAGLIO, G. DIANICH, S. *Nuevo Diccionario de Teología*, v. 1, p. 250, p. 227.

¹² ADNES, P. *Sequela e imitazione nella Scrittura e nella Tradizione*, p. 146.

¹³ BARDY, G. TRICOT, A. *Enciclopedia cristologica*, p. 808.

¹⁴ Não só o sucesso, mas, acima de tudo, a influência da obra *Imitação de Cristo* pode ser avaliada a partir do fato de que ela teve 88 edições incunábulas e mais de 200 edições no século XVI. Cf. ESTRADA, J. *A Imitação de Cristo*. In: *Dicionário teológico da vida religiosa*, p. 552.

¹⁵ CAFFARRA, C. *Teologia morale (storia)*. In: *Dizionario enciclopedico di teologia morale*, p. 1103.

¹⁶ Cf. INSTITUTO SUPERIOR DE PASTORAL, *Quién decís que soy yo?* Dimensiones del seguimiento de Jesús, p. 126.

¹⁷ Cf. SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p. 32.

¹⁸ GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço*, p. 13.

¹⁹ PALACIO, C. *Jesus Cristo: história e interpretação*, p. 106.

²⁰ LIBANIO, J. ANTONIAZZI, *A 20 anos de teologia na América Latina e no Brasil*, p. 40-41.

²¹ Cf. SOBRINO, J. *Seguimento de Jesus*. In: FLORESTÁN SAMANES, C. & TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs) *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p. 773.

Referência

ADNES, P. *Sequela e imitazione nella Scrittura e nella Tradizione*, Roma, Pontificia Università Gregoriana, 1993.

AGOSTINHO, S. *A virgindade consagrada*, ao Paulo, Paulus, 1990.

ÁLVAREZ GOMEZ, J. *Historia de la vida religiosa*. Madrid, Publicaciones Claretianas, 1987.

ÁLVAREZ NAVARRETE, P. *El seguimiento de Cristo en la teología y espiritualidad monástica*. In: BARBAGLIO, G. DIANICH, S. *Nuevo Diccionario de Teología*, v. 1, Madrid, Cristiandad, 1982.

BARDY, G. TRICOT, A. (orgs.) *Enciclopedia cristologica*, Alba, Paoline, 1960.

BLANCO, S. *Seguimento*. In: RODRÍGUES, A. A. e CANALS CASAS, J. (org.) *Dicionário teológico da vida consagrada*, São Paulo, Paulus, 1994, pp. 1010-1015.

BLANK, J. *Seguimento*. In: Eicher P. (org.) *Dicionário de conceitos fundamentais da teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, pp. 819-822.

BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002.

BONHOEFFER, D. *O discipulado*, São Leopoldo: Sinodal, 1989.

CAFFARRA, C. *Teologia morale (storia)*. In: *Dizionario enciclopedico di teologia morale*,

CASTILHO, J. M. *El seguimiento de Jesús*, Salamanca, Sígueme, 1987.

CELAM, *Documento de Aparecida*, São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

CODINA, V. ZEVALLOS, N. *Vida religiosa: história e teologia*, Petrópolis, Vozes, 1990.

ESTRADA, J. *A Imitação de Cristo*. In: RODRÍGUES, A. & CANALS CASAS, J. (org.) *Dicionário teológico da vida religiosa*, São Paulo, Paulus, 1994. pp. 548-557.

FERNÁNDEZ, B. *Seguir a Jesús, el Cristo*, Madrid: Publicaciones Claretianas, 1998.

GNILKA, J. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*, Petrópolis: Vozes, 200.

GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço*, Petrópolis, Vozes, 1987.

INSTITUTO SUPERIOR DE PASTORAL, *Quién decís que soy yo? Dimensiones del seguimiento*, Navarra, Verbo Divino, 2000.

LIBANIO, J. ANTONIAZZI, *A 20 anos de teologia na América Latina e no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1993.

LOYOLA, I. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 1997.

MAZZEO, M. *La sequela di Cristo nel libro dell' 'Apocalisse*, Milano, Paoline, 1993.

PALACIO, C. *Jesus Cristo: história e interpretação*, São Paulo, Loyola, 1986.

SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina: Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Tradução por Orlando Bernardi. Petrópolis, Vozes, 1983.

SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo, Loyola, 1982.

_____. *Jesus na América Latina: Seu significado para a fé e a cristologia*. Tradução por Luiz João Gaio. São Paulo/Petrópolis, Loyola/Vozes, 1985.

_____. *Espiritualidade da libertação: Estrutura e Conteúdos*. Tradução por Atílio Cancian. São Paulo, Loyola, 1992.

_____. *O princípio misericórdia: Descer da cruz os Povos Crucificados*. Tradução por Jaime A. Clasen. Petrópolis, Vozes, 1994.

_____. *Jesus, o Libertador. I - A História de Jesus de Nazaré*. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo, Vozes, 1994.

_____. *A fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas*. Trad. Ephraim F. Alves. São Paulo, Vozes, 2000.

_____. *Identidade cristã*, In: SAMANES, C. F., TOMAYO-ACOSTA, J. J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. Tradução por Isabel Fontes Leal Ferreira e Ivone de Jesus Barreto. São Paulo, Paulus, 1999. pp. 342-354.

_____. *Seguimento de Jesus*. In: SAMANES, C. F., TOMAYO-ACOSTA, J. J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. Tradução por Isabel Fontes Leal Ferreira e Ivone de Jesus Barreto. São Paulo, Paulus, 1999. pp. 771-775.

SCHULZ, A. *Discipulos do Senhor*, São Paulo: Paulus, 1969.

Revista de Teologia e Cultura: <www.ciberteologia.com.br>

